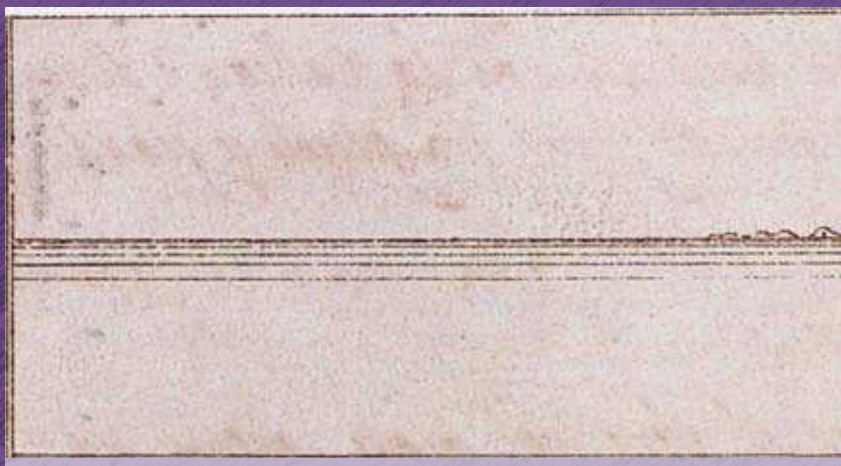
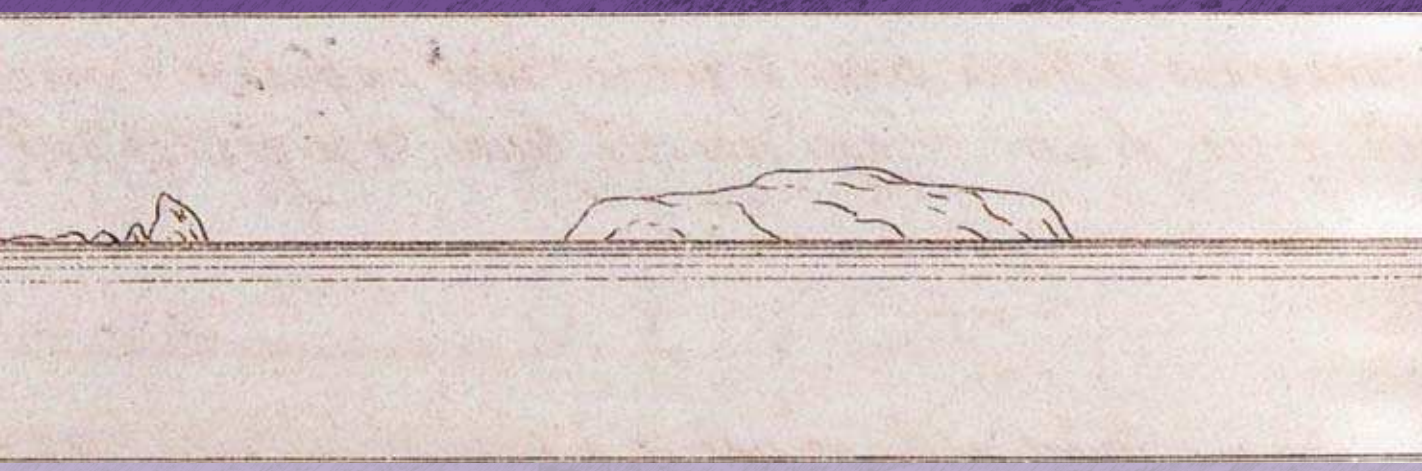


^ Fig. 1- Perspectiva das Selvagens, *Descripção e historia das ilhas do mar Atlantico com arbitrios sobre as suas fortificações* (…), 1798, de Leonardo Torriani, finais do século XVI (1594). BN, Lisboa, Fl.372 v, Apêndice, cap.V.



Rastos de gente nas Selvagens (Madeira, Portugal).

Estudo preliminar das cerâmicas das épocas Moderna e Contemporânea

Élvio Duarte Martins Sousa e Dietrich Putzer

Resumo

Apresentam-se os resultados preliminares do estudo tipológico das cerâmicas da Época Moderna e Contemporânea recolhidas nas ilhas Selvagens, Arquipélago da Madeira, Portugal.

Os materiais (cerâmica esmaltada, vidrada, comum e faiança) aparecem relacionados com os vestígios da humanização sazonal daquele espaço insular observando-se, complementarmente, elementos construtivos de morfologia relevantes.

Abstract

Vestiges of People in Selvagens Islands (Madeira, Portugal). Preliminary study of ceramics from early-modern and contemporary times.

Presentation of a typological. study of historic ceramics (since early modern age to contemporary times) of the Selvagem Islands / Madeira Archipelago / Portugal. The material investigated (enamelled, glazed or unglazed and faience ceramics) is associated with vestiges of human seasonal settlement on that insular area. Complementary observations reveal morphologically relevant elements of housing constructions.

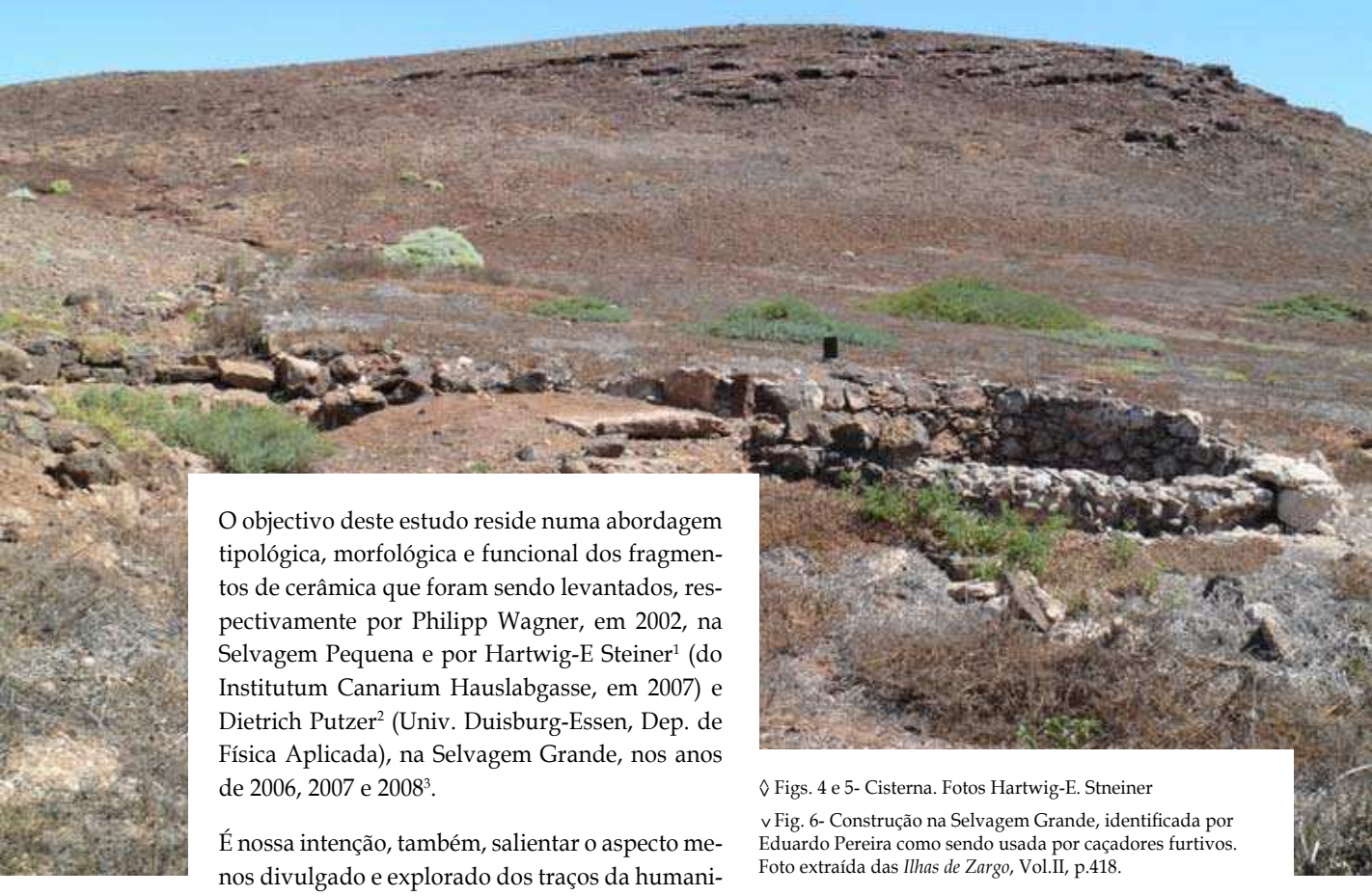
< Fig. 2- Mapa de localização das ilhas Selvagens.
Fonte: Atlas do Ambiente.

< Fig. 3. Extracto da Carta Militar de Portugal - Ilhas selvagens (Selvagem Grande), Madeira, Folha 16, Serviço Cartográfico do Exército, Escala 1:25 000, 1967.

1. Comentário Prévio

As Ilhas Selvagens devem o seu nome ao facto de serem desprovidas de gente e de água, aquando do seu achamento no século XV. Gaspar Frutuoso, no século XVI, descreveu-as assim: "*A Sul da Ilha da Madeira, entre ella e as Canárias, que todas demorão della, como dice, pouco mais ou menos do Sul ate Sudoeste, estão em 30 graos, duas ilhas, que se chamão as Selvagens, por serem hermas, e desconversaveis assi de navegação como de gente, e com huns perigosos baixios (…)*", (FRUTUOSO, 1873:309-310).

Durante muitos anos, investigadores e estudiosos oriundos de várias partes do mundo, debruçaram-se na pesquisa e na divulgação da fauna, flora e geologia, havendo raríssimos estudos que procuraram analisar os rastos da humanização daquele espaço insular. A partir de 2000, alguns textos publicados na revista Almogaren (ULBRICH, 2000; HANSEN, 2000 e 2002; STEINER, 2000, 2005 e 2005a), resultantes de uma expedição luso-hispano-suiço-austriaco-alemã às Selvagens em 1999, estabelecem uma espécie de inventário das estruturas arqueológicas, pondo em evidência construções de pedra de feição rectangular e redonda, uma cisterna e achados de pedra tallhada.



O objectivo deste estudo reside numa abordagem tipológica, morfológica e funcional dos fragmentos de cerâmica que foram sendo levantados, respectivamente por Philipp Wagner, em 2002, na Selvagem Pequena e por Hartwig-E Steiner[1] (do Institutum Canarium Hauslabgasse, em 2007) e Dietrich Putzer[2] (Univ. Duisburg-Essen, Dep. de Física Aplicada), na Selvagem Grande, nos anos de 2006, 2007 e 2008[3].

É nossa intenção, também, salientar o aspecto menos divulgado e explorado dos traços da humanização deste grupo de ilhas já conhecidas desde o século XIV e que actualmente são internacionalmente reconhecidas pela sua biodiversidade.

Os "rastos" de gente em destaque neste estudo não se resumem, efectivamente, aos artefactos cerâmicos. Ao logo tempo, tentativas várias de sustentar vida naquele pequeno arquipélago, consecutivamente inviabilizadas pela escassez de água, deixaram marcas inapagáveis no solo. No início do século XX, Alberto Artur Sarmento refere-se à existência de várias estruturas que visaram a domesticação do espaço, tais como uma cisterna, possivelmente a mais antiga[4] (Figs. 4 e 5), as ruínas de um forno de soda e alguns vestígios de canalização (SARMENTO, 1906:36). Também Eduardo Pereira, nas *Ilhas de Zargo*, anota para a presença de duas cisternas de recolha de águas pluviais, alimentadas por "regueiras" escavadas na rocha, a Cisterna Velha localizada a Sudoeste do Pico dos Tornozelos e a Cisterna Nova, a Sudeste do Pico da Atalaia (PEREIRA, I, 1989:291). Provavelmente terá sido melhorada, pois, segundo este autor já existia uma em ruínas,

◊ Figs. 4 e 5- Cisterna. Fotos Hartwig-E. Stneiner

∨ Fig. 6- Construção na Selvagem Grande, identificada por Eduardo Pereira como sendo usada por caçadores furtivos. Foto extraída das *Ilhas de Zargo*, Vol.II, p.418.

1. Os autores manifestam um agradecimento especial e dedicam o presente texto a Hartwig'E Steiner.

2. Note-se que os trabalhos efectuados pelos investigadores citados foram autorizados pelo departamento responsável do Governo Regional da Madeira. O estudo de Putzer na Selvagem Grande consistiu na investigação biofísica do isótopo Be-7, enriquecido em fracções ultrafinas de sedimentos terrestres e em líquenes e plantas halófilas do planalto da Selvagem Grande. O Be-7 é um radioisótopo natural fraco, de interesse puramente académico. Tem uma vida curta com tempo de meia desintegração de cinquenta e quatro dias, gerado na estratosfera por desintegração nuclear de átomos de nitrogéneo, provocada pelo embate de partículas-quanta de altas energias dos vários GeV. Dado que o Be-7 chega à terra transportado pelas precipitações – chuva, neve e por micro e nanopartículas sólidas - era de interesse verificar se o isótopo ocorre também na Fonte das Galinhas, única nascente persistente de água doce da Selvagem Grande (PUTZER, 2006).

3. As cerâmicas foram entregues pessoalmente por D. Putzer a Élvio Sousa (Dezembro de 2008) por com o propósito de efectuar este estudo e de as fazer entregar posteriormente ao Museu Municipal do Funchal.

4. Provavelmente a "Cisterna Velha" referenciada na Carta Militar de Portugal - Ilhas selvagens (Selvagem Grande), Madeira, Folha 16, Serviço Cartográfico do Exército, Escala 1:25 000, 1967.

nas dimensões de 4X6 metros, "*atulhada de lama e elementos de conspurcação donde se retiraram 132 toneladas de despojos materiais e orgânicos.*" (PEREIRA, II, 1989: 420).

Num estudo complementar, Hartwig-E. STEINER (2005a) descreve o que designa a "*Casa dos Três Compartimentos*", também vulgarmente conhecida pelos pescadores como "Casa da Coroa" (Fig.7). Trata-se de uma construção arcaica em pedra não talhada e com muros relativamente espessos. O imóvel situa-se acima da Fonte das Galinhas, na aresta Sul do planalto da Ilha, ocupando uma área muito exposta, bem visível de todos os pontos elevados da Ilha, e com excelente domínio visual sobre a parte do litoral Sul da Ilha. Steiner atribuiu-lhe uma presumível função de atalaia ou posto permanente para sinalização de fogo.

2. Restos de História

As ilhas Selvagens integram o Arquipélago da Madeira (Figs. 1, 2 e 3.), constituído pelas ilhas da Madeira (a maior ilha e a que lhe dá o nome), Porto Santo e os ilhéus inabitados, das Desertas e das Selvagens. O grupo das Selvagens, localizado a 280 km para Sul da Madeira, é formado por três pequenos ilhéus principais, o maior, a Selvagem Grande, a Selvagem Pequena e o Ilhéu de Fora (CARVALHO; BRANDÃO, 1991:99). Estas ilhas aparecem já referenciadas nas cartas marítimas do século XIV [5] - com destaque para atlas catalão de Abrahão Cresques, de 1375 – onde surgem com a designação com que actualmente são conhecidas, "*Insule salvatge*". Este dado, tal como é apontado para a História da Madeira, do Porto Santo e das Desertas, evidencia o real conhecimento das ilhas em data anterior ao achamento oficial pelos portugueses.

Valentim Fernandes, em 1508, aponta-nos uma data precisa do achamento das Selvagens na sua breve descrição da ilha maior: "*E he uma ilha pequena e despouada. Ha nesta ilha alguas cabras e muytas aues do mar. E no te agoa nenhua. Anno de 1438 acharao as carauellas do Iffate Do Anrique esta ilha (…)*", (FERNANDES, 1940:106).

O texto de Gaspar Frutuoso, frequentemente invocado no estudo da História da Madeira, é parco em conteúdo relativamente às Selvagens dedicando-lhe, apenas, um capítulo: "*LI – Do descobrimento das ilhas chamadas desertas, e cujas são, e do que nellas ha: e de algumas cousas de outras ilhas chamadas Selvagens*". O próprio anotador das *Saudades da Terra,* reconhecia a dificuldade na obtenção de fontes para o conhecimento das Selvagens, ao admitir que "*noticia alguma até agora temos*

5. *Cfr.*, Álvaro Rodrigues de Azevedo, "Notas", *in* Gaspar Frutuoso, *As Saudades da Terra pelo Doutor Gaspar Frutuoso. História das Ilhas do Porto-Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, Funchal, 1873, pp. 345, 843 e 844.

6. *Cfr.* Álvaro Rodrigues de Azevedo, "Notas", *ob. cit.*, p. 432.

< Fig. 7- "Casa da Coroa". Foto Hartwig-E. Stneiner

achado".[6] No seu artigo publicado no *Dicionário Universal Português Ilustrado,* Álvaro Rodrigues de Azevedo[7] revela-nos algumas indicações históricas de relevo, em particular, à existência de um manuscrito quinhentista da autoria do navegador ao serviço do Infante Dom Henrique, Diogo Gomes que dá conta do achamento das Selvagens. Na tradução da versão latina de Gabriel Pereira lê-se o seguinte:"*Em certo dia, vindo eu, Diogo Gomes, pela última vez da Guiné, a meio das ilhas Canárias e a da Madeira, vi uma ilha e estive n'ella, chamada ilha Selvagem. É estéril, ninguém habita ahi, nem tem arvores nem rios correntes. As caravellas do senhor infante descobriram esta ilha, e descendo em terra acharam muita urzela, que é uma herva que tinge os pannos de côr amarella, e acharam-na em grande abundância.*" (GOMES, 1889:25-26).

Quer Diogo Gomes, quer Valentim Fernandes revelam a particularidade das Ilhas Selvagens terem sido um local de recolha de uma planta tintureira que se extrai uma matéria corante, conhecida por urzela (Fig.8). Valentim Fernandes, ao comentar o facto da ilha ter abundantes quantidades de urzela, cujos lucros de venda reverteriam um quinto para o Infante Dom Henrique, tece interessantes considerações sobre a natureza e a utilidade daquela planta: "*he hua herua q naçe emtre os rochedos co q tinge panos vermelhos e val muyto e Ingraterra e Frades* [Flandres]" (FERNANDES, 1940:101). Gaspar Frutuoso, ao aludir à imponência e ao custo humano e logístico da construção da levada da Ribeira dos Socorridos, na Madeira, deixa um interessante registo do modo de recolha do líquen em terrenos íngremes. Refere o cronista que os homens recolhiam a urzela em "*cestos amarrados com cordas penduradas pela rocha*" (FRUTUOSO, 1873:92).

Eduardo Pereira documenta, também, a particularidade da ilhas fornecerem outras plantas

^ Fig. 8- Urzela. Foto de Carlos Freitas.

naturais no uso da indústria dos curtumes e da tinturaria, a saber, o sumagre e o pastel (PEREIRA, 1989, I:143).

Segundo Alberto Sarmento, as Selvagens pertenciam no século XVI à família dos Caiados e nos inícios do século XX ao banqueiro Luís da Rocha Machado, ficando na posse do seu filho até à incorporação na propriedade do Estado Português, a partir de 1971, ano que lhe foi atribuída a classificação de Reserva Natural Integral (Decreto-Lei n.º 458/71, de 29 de Outubro).

3. O Contexto dos achados cerâmicos

A expressiva maioria dos materiais cerâmicos foi recolhida à superfície nas redondezas da Fonte das Galinhas e junto à Casa da Coroa, na Selvagem Grande. Deste conjunto, destaca-se uma amostra significativa recolhida por Dietrich Putzer. O investigador, encorajado pelos achados cerâmicos de Wagner na Selvagem Pequena em 2002 e pelos dados apresentados por Stneiner[8]

7. *Cfr.* Álvaro Rodrigues de Azevedo, "Madeira", *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, Lisboa, Typografia do Diccionario Universal Portuguez, 1882, pp.712-713.

8. Alegando sobre a forte possibilidade do surgimento de materiais cerâmicos nos arredores da Fonte das Galinhas e na Casa da Coroa.

^ Fig. 9- Enseada e trilho de acesso à Fonte das Galinhas. Foto de Hartwig-E. Stneiner.

^ Figs. 10 e 11- Fragmentos *in situ*, nas proximidades da Fonte das Galinhas. Fotos de Dietrich Putzer.

(informação a Putzer, 2006), realizou uma prospecção não sistemática no espaço que delimita a Fonte das Galinhas até à beira-mar (Fig.9). Desta operação resultou um conjunto apreciável de fragmentos cerâmicos (Figs.10 e 11), com particular incidência no trecho superior da descida, ou seja, entre os dez e os cinquenta metros abaixo da Fonte das Galinhas (em terreno composto por pedra miúda, abrigos naturais e sulcos[9] de escorrimento de águas pluviais).

Em 2008, Steiner, numa nova estadia na Selvagem Grande com o objectivo de prosseguir o levantamento das estruturas arqueológica iniciadas em 1999, recolheu vários fragmentos de loiça, também nas proximidades da Fonte das Galinhas. Outros fragmentos se juntaram ao conjunto, recolhidos por Putzer, no mesmo ano, e junto ao muro Oriental da Casa da Coroa.

Da Selvagem Pequena apenas dispomos de três fragmentos cerâmicos recolhidos pelo biólogo Philipp Wagner[10] em 2002, por ocasião de estudos herpetólogos da lagartixa e da osga endémica.

Efectivamente, numa primeira análise, realça-se o aspecto da expressiva maioria das cerâmicas corresponderem tipologicamente a recipientes de transporte e de armazenamento de água, por coincidência contentores cerâmicos familiares à vida a bordo nas embarcações. Neste aspecto, a concentração dos fragmentos de loiça num contexto deposicional de proximidade da Fonte das

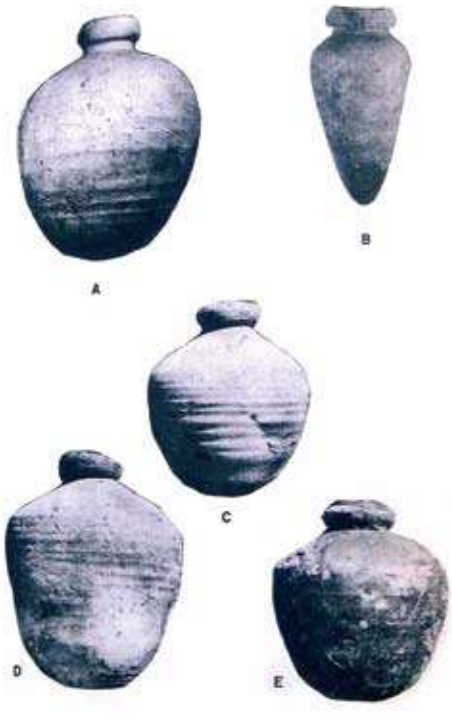
9. Antes dos anos noventa do século XX estes sulcos estavam densamente povoados pelo arbusto *Nicotiana glauca*, árvore do tabaco, oriunda das Américas. O Parque Natural da Madeira, com um programa contínuo, conseguiu reduzir fortemente o domínio desta planta, que ponha em causa a flora endémica da ilha. Esta actividade permitiu, entretanto, aumentar a visibilidade da superfície do solo, maximizando a potencialidade de êxito da prospecção arqueológica.

10. "Keine Siedlungsspuren auf den Kleinen Selvagens. Selvagem Pequena und Ilhéu de Fora", *IC – NACHRICHTEN*, Nr.87, Viena, 2005, pp.59-64.

Galinhas [11] e à vereda de acesso à ilha, corroboram a alegada relação entre a morfologia dos recipientes e a sua funcionalidade nas tarefas quotidianas.

A Fonte das Galinhas, provavelmente já descrita pelo cronista Gaspar Frutuoso, é uma estrutura localizada junto ao trilho de acesso da Selvagem Grande, ligeiramente abaixo do Planalto e aparece coberta por rocha natural, separada por um muro de pedra seca (Figs.12 e13). Segundo Joerg Hansen, a estrutura é constituída por uma *"bacia de 20-30cm de profundidade escavada na rocha. Para não perder água, foi estabelecida em tempos recentes uma fiada de tijolos junto ao muro que separa a cisterna do trilho de subida"*. [12]

Considerando-se a existência de uma fonte de água é instintivo que se estabeleça para a cerâmica uma relação de utilização social, individualizando-se um conjunto de formas relacionadas com o armazenamento e com o transporte de líquidos, nomeadamente as anforetas ou as *olive jars*, termo divulgado por John Coggin nos anos sessenta do século XX. O investigador classificou as anforetas em três períodos (Fig.14), com base na sua morfologia: o "estilo antigo" (1500-1580), o "estilo médio" (1580-1800) e o "estilo recente" (1800-1850). O conceito de *olive jar*, proposto por Goggin, é hoje comummente aceite para designar todo um conjunto de contentores cerâmicos navais, pois, segundo o autor: *"it seems best to use the term olive jar as the equivalent to a type name*



^ Figs. 12 e 13- Estrutura da Fonte das Galinhas. Fotos de Hartwig-E. Stneiner.

^ Fig. 14- Tipologia das anforetas do estilo médio. Imagem extraída de John Goggin,*The Spanish Olive Jar. An introductory study*, Sidney and W. Yale, Yale University Publications in Anthropology (papers in Caribbean Anthropology, vol. 62), 1960, plate 4.

11. Idêntica dedução se reproduziu em trabalho de campo de Novembro de 2007 para as proximidades da Capela da Graça, na Ilha do Porto Santo, com elevadas concentrações de cerâmica utilitária à superfície e com analogias ao sub-grupo das anforetas (SOUSA, 2010). Também, N'Zinga Oliveira, num texto publicado neste número da revista *AMC - Arqueologia Moderna e Contemporânea* alude para a potencialidade arqueológica daquele espaço (OLIVEIRA, 2009).

12. *Cfr., ob. cit.*,"Siedlunsspuren auf den Ilhas Selvagens (Portugal)- Teil II", p. 289.

^ Fig. 15- Imagem parcial da amostra dos materiais cerâmicos em estudo. Foto de Élvio Sousa (ES).

with no local ethnographic or linguistic significance" (GOGGIN, 1960:5). No entanto, apesar do termo à partida pressupor o transporte de azeite, estes recipientes serviram, inclusivamente, para o transporte de outros produtos líquidos ou sólidos (óleo lubrificante e de iluminação, vinho, vinagre, mel, água e frutos), (SOUSA, 2006:160-162).

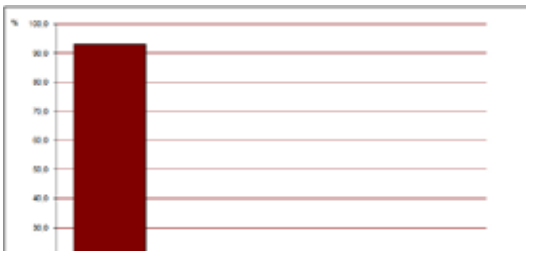
Frutuoso, no século XVI, dá-nos uma indicação preciosa relativamente à terminologia, origem e capacidade metrológica de um tipo característico de cerâmica, quando estabelece a descrição de uma fonte na Selvagem Grande:" *Quem for da Alegrança a Loés-noroeste dará nas Selvagens, a maior das quais tem algum gado e uma fonte, que enche somente, cada dia, três ou quatro jarras de três canadas de água doce das botijas,*[13] *chamadas meias arrobas, que vêm com azeite de Castela"* (FRUTUOSO, 1968:413). Esta passagem é extremamente enriquecedora na analogia da cultura material com o uso social artefactual, sublinhando-se a singularidade deste registo, pouco frequente na documentação escrita quinhentista. Esclarece-se, ainda, que o termo *botija* tem um significado actual de *anforeta* compreendendo-se, pois, o contributo desse registo documental na dedução arqueológica e consequentemente na reconstituição histórica da antropização das Selvagens.

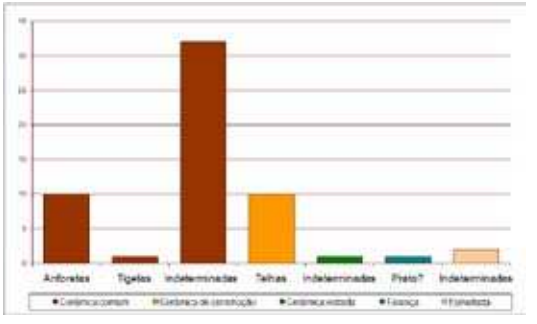
Nesta analogia, servimo-nos, por exemplo, do estudo de Colin Martin, que define uma terminologia própria consoante a capacidade das anforetas: as *botijas* de maior dimensão para o transporte de vinho; as *botijas medias ou peruleras* para o azeite e as *botijuelas* para o mel (MARTIN, 1979:284). A este propósito, informam-se que os livros de vereações da Câmara Municipal do Funchal fornecem interessantes indicações quanto à origem e à dimensão destas peças. Referem, em situações pontuais, o desembarque de azeite de Sevilha, Lisboa e do Algarve, que vinha armazenado em botijas e em jarras: " *(...) João Tavira e declarou que tinha duzentas arrobas de azeite em botijas e em jaras do Algarve (...)* ", (ARM, Câmara Municipal do Funchal, *Livro de Vereações*, L.º1326, fl.9, 1632). Noutra situação, as vereações fazem referência à dimensão das anforetas: " *(...) declarou Pero Antunes que não tinha azeite mais que (ate?) duas botijas grandes que herão para seu comer e que de botijas piquenas (...)* ", (ARM, Câmara Municipal do Funchal, *Livro de Vereações,* L.º1324, fl.14vº,1626).

3.1. As cerâmicas

A metodologia estruturante seguida na análise dos materiais cerâmicos obedeceu ao estudo realizado para a Cidade de Machico (SOUSA, 2006: 114-126). Com efeito, mediante uma análise macroscópica das pastas, os exemplares cerâmicos foram contabilizados por grupos, mediante as características tecnológicas: a cerâmica comum (ao qual se incluiu o grupo de pasta de fabrico local

13. Na versão de 1873, de Álvaro Rodrigues de Azevedo, surge-nos o termo "boticas", em vez de "botijas", admitindo-se um possível lapso de transcrição.





^ Fig. 16- Distribuição, por grupo tecnológico, das cerâmicas das Selvagens.

^ Fig. 17- Quantificação por tipologia e morfologia das cerâmicas das Selvagens.

(SOUSA, 2007: 33-40), a cerâmica de construção e os componentes de anforetas[14]), a cerâmica vidrada (não se considerando os vidrados de estanho), a faiança e a esmaltada.

O carácter fragmentário da maioria dos fragmentos em estudo, quantificando-se apenas cinco bordos, não permitiu reconhecer um maior número de formas e, consequentemente, aprofundar a problemática da funcionalidade e da utilidade dos objectos cerâmicos.[15] Todavia, para a classificação do sub-grupo das anforetas, com apenas um bordo em análise, servimo-nos da observação dos fragmentos de parede, cujas características técnicas e morfológicos tornam acessível a destrinça e a classificação (por exemplo, a configuração da base côncava, o torneado, a espessura das paredes e as estrias na superfície externa).

De um total de cinquenta e sete fragmentos cerâmicos, seriaram-se cinco exemplares para reconstituição gráfica e para a descrição pormenorizada, correspondendo a dois bordos de cerâmica comum (respectivamente de uma tigela e de um gargalo de uma anforeta), dois fragmentos de parede (um de um provável prato de faiança e um outro exemplar de fundo de uma anforeta) e um exemplar de uma asa facturada de cerâmica comum.

A percentagem mais elevada do espólio cerâmico (93%) corresponde ao grupo vulgarmente conhecido por cerâmica comum (Figs.16 e 17). Por outro lado, na quantificação tipológica e tecnológica dos fragmentos (Fig.17), sobressai a percentagem dos componentes indeterminados do grupo de cerâmica comum, com trinta e duas amostras, seguida pelo conjunto das anforetas e da cerâmica de construção (telha de canudo), ambos com dez fragmentos.

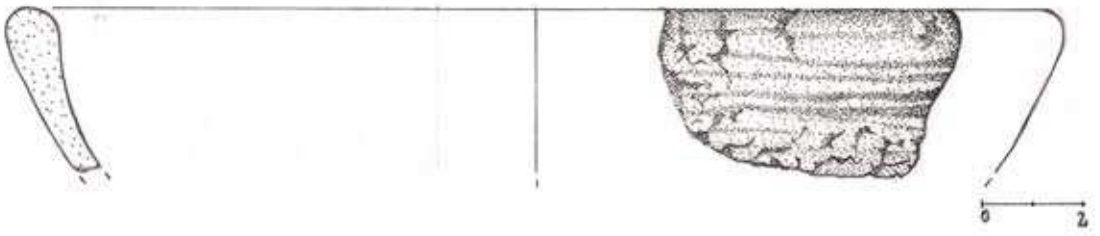
Deste conjunto, contabilizaram-se ao todo cinco bordos, quatro de pastas vermelhas com fortes afinidades ao grupo de pasta de fabrico local (com dois bordos indeterminados e um da citada tigela) e um componente de asa de um recipiente de pasta vermelha. No cômputo geral, as pastas do sub-grupo da cerâmica de fabrico local, são de textura geralmente semi-compacta e exibem uma tonalidade vermelho escuro (R 13[16] e R11), com as superfícies engobadas e brunidas.

A tigela de cerâmica comum enquadra-se nas séries tipológicas seiscentistas exumadas na Cidade de Machico, apesar do baixo índice de integridade do fragmento não permitir uma análise formal mais completa (Figs.18 e 19). Por se tratar de uma peça que habitualmente se integra nos serviços de loiça de ir à mesa, conforme atesta o regimen-

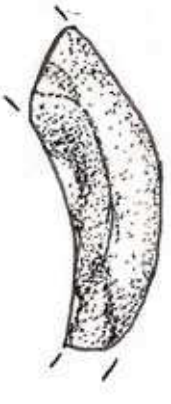
14. Que apresentam variavelmente as superfícies internas vidradas e as externas sem tratamento, situação pela qual optamos por incluir este sug-grupo no conjunto da cerâmica comum.

15. A operação de quantificação teve a prestável colaboração e a competência do Técnico de Arqueologia Alexandre Brazão.

16. *Cfr.* André de Cailleux, *Note Sur le Code des Coleurs des Sols*. Boubée. Note-se que os índices cromáticos identificados na análise das pastas e superfícies das cerâmicas devem entender-se como aproximados.



^ Figs. 18 e 19- Reconstituição gráfica e imagem de uma tigela de cerâmica comum. Desenho de Lígia Gonçalves e foto de ES.



^ Figs. 20 e 21- Imagem e reconstituição gráfica de um fragmento de asa de cerâmica comum. Foto e desenho de Élvio Sousa.

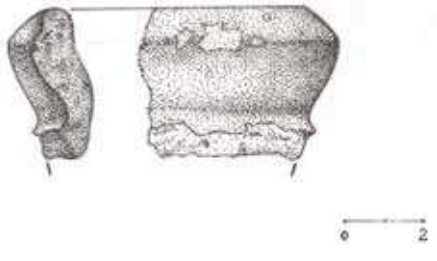
to dos oleiros do Município do Funchal de 1587 – "*tigellas de comer*" [17] – é provável que servisse, também, para outras funções, como por exemplo, a de receptáculo de apoio à recolha de água para enchimento de outros contentores cerâmicos ou mesmo para apoio à refeição, nas estadias sazonais na ilha. A relação deposicional com a estrutura da fonte pode autorizar a primeira leitura.

Não será igualmente despropositado conjecturar uma possível relação de alguns fragmentos de cerâmica comum, com pastas e acabamentos de tonalidade vermelha, com o vizinho Arquipélago das Canárias. Esta interpretação, apesar de carecer confirmação científica, coincide com a análise macroscópica de dois fragmentos de cerâmica comum, a saber, de um exemplar de uma parede de um recipiente de paredes finas e um outro exibindo uma asa, de secção semi-circular. Este último componente, que ostenta as superfícies engobadas e uma pasta bastante compacta, difere das características do grupo de cerâmica de fabrico local (Figs.18 e 19). Salienta-se, que no prosseguimento deste estudo, encetaram-se contactos com os colegas arqueólogos de Canárias a fim de verificar essa hipótese e paralelamente estender a investigação tendo em consideração a componente etnográfica (Fig.22) e arqueométrica.

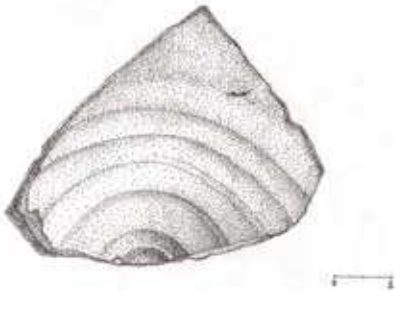
Os fragmentos de anforetas levantam interrogações de enfoque interessante. Todos os fragmentos analisados, mostram as superfícies internas vidradas (com variações entre o verde claro, verde escuro e um engobe acentuado) e as pastas geralmente pouco compactas com fendas e bolhas, de cor alaranjada (M39) ou castanhas (N33) com abundantes feldspatos. O exemplar de bordo em análise, com um lábio tendencialmente boleado e bordo de perfil direito, pode integrar, com as habituais reservas, o modelo antigo da sistematização de Goggin (Figs. 23 e 24). Um outro pedaço de fundo de anforeta achado na Selvagem Pequena apresenta uma pasta de trama semi-compacta de tonalidade alaranjada (Fig. 25) Relembra-se, ainda, que do ponto de vista da quantificação por tipologia, as anforetas assumem a segunda forma cerâmica mais representativa do conjunto, em

17. *Cfr., Arquivo Histórico da Madeira*, Vol I e II, 1931, p.19.

^ Fig. 22- Postal do início do século XX (circulação em 1919) alusivo aos costumes Canários, onde se observam loiças de uso quotidiano. Colecção Élvio Sousa.



^ Figs. 23 e 24- Imagem e reconstituição gráfica de um gargalo de anforeta. Foto de Élvio Sousa e desenho de Lígia Gonçalves.



^ Fig. 25- Reconstituição gráfica de um fundo de anforeta (WG.PV/02-2), da Selvagem Pequena. Desenho de Lígia Gonçalves.

^ Fig. 26- Fragmentos de parede de cerâmica esmaltada. Foto de Élvio Sousa.

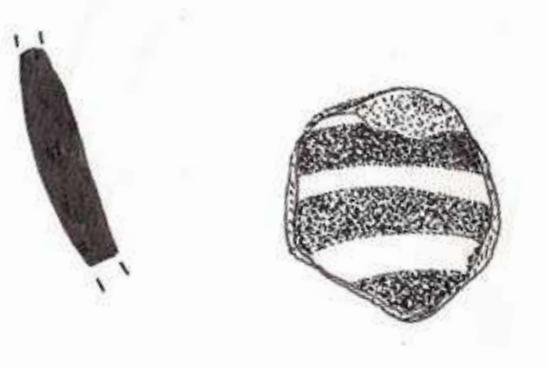
paralelo com a cerâmica de construção (Fig. 17). Em síntese, são recipientes de corpo com tendência ovóide, indicados para a estiva e transporte marítimos (as formas permitiam maximizar a integridade estrutural do contentor, enquanto que a pequena abertura permitia um fecho mais fácil com um mínimo de câmara de ar no interior). O próprio gargalo, mais estreito e espesso, constituía um ponto seguro de fixação destes contentores às embarcações.

A cerâmica esmaltada,[18] com apenas dois fragmentos de parede (Fig.26) de peças de médio porte – possivelmente contentores de líquidos – exibe uma pasta muito bem depurada, de tonalidade rosada K29 e um acabamento à base de um esmalte pouco denso, com revestimento apenas no interior das peças. A espessura das paredes varia entre os 10 e os 11mm. À primeira vista, parecem-nos cerâmicas de uso oitocentista, classificação contudo hipotética e que carece de futura confirmação. Note-se, com efeito, que poderão ser indícios materiais resultantes das campanhas de escavação inglesas ocorridas entre 1848 e 1851, na busca do afamado tesouro das Selvagens e que deixaram no pequeno arquipélago marcas dessas actividades intrusivas (SOUSA, 2010). Numa carta dirigida ao cônsul inglês na Madeira, os envolvidos nas escavações apresentam uma série de registos que testemunham o transporte de cultura material, nomeadamente quando se referem à deslocação de víveres e água: "*Trouxemos provisões salgadas e agua que aqui se não encontra*" (SARMENTO, 1906:40). Mais à frente, tecem considerações acerca das buscas infrutíferas: "*Teem sido feitas excavações em ambas as ilhas, e acho poucas probabilidades de encontrar o thesouro, não obstante crêr bem que elle esteja aqui enterrado. Só uma vez choveu aqui e muito pouco durante uma das minhas estadas*" (IBIDEM: 40).

O grupo da faiança portuguesa surge individualizada, com apenas um fragmento de parede, exibindo uma decoração de padrão geométrico a azul-cobalto e aplicação de vidrado de estanho de fraca qualidade (Figs. 27 e 28). Dificilmente se enquadrará este exemplar nas séries da primeira metade do século XVII admitindo-se, porém, ser um vestígio de uma peça utilitária (possivelmente de um prato), talvez dos meados do século XVIII, altura em que se acentua a perda de qualidade e uma notória repetição de modelos decorativos da faiança portuguesa. Destaca-se, ainda, que o fragmento foi recolhido junto à Casa da Coroa e trata-se, até ao momento, do único registo da faiança portuguesa da Época Moderna identificada nas Selvagens.

Grosso modo, as cerâmicas parecem balizar cronologicamente em dois momentos essenciais. Primeiro, o século XVI, para o grupo das anforetas – destacando-se aqui a tipologia do bordo, em afinidade com a sistematização de Jonh Coggin e o século XVII para o grupo de pasta de fabrico local, em particular para o componente da tigela. Um segundo momento enquadra os séculos XVIII/XIX, com a presença da faiança portuguesa mais tardia, decorada a azul-cobalto e pela presença das séries esmaltadas, de pastas claras, cuja produção se antevê uma origem anglo-saxónica.

18. O esmalte é uma técnica de vidrado opaco que se faz pela adição de óxidos de estanho (branco opaco).



^ Figs. 27 e 28- Imagem e reconstituição gráfica de um fragmento de faiança portuguesa. Foto e desenho de Élvio Sousa.

3.2. Catálogo descritivo das cerâmicas reconstituídas graficamente e apresentadas em fotografia:

Abreviaturas:
AL: Altura do fragmento
DB: Diâmetro da base
DC: Diâmetro do corpo
DE: Diâmetro externo
EB: Espessura do bordo
EBJ: Espessura do bojo
EF: Espessura do fundo
EP: Espessura da parede
ENP: Elementos não plásticos

PZ/FG-08-6 (Figs. 18 e 19)

Tigela de cerâmica comum. Fragmento de bordo e bojo de tigela, com pasta semi-compacta, de tonalidade vermelha escura R13, com ENP em quantidade escassa (pedra moída), distribuídos regularmente. Superfície externa e interna engobadas e brunidas, ao estilo dos acabamentos de produção madeirense do século XVII (SOUSA, 2006), de cor vermelha, R11. Apontamentos horizontais de alisamento. Bordo direito, com lábio boleado.
DE: 210mm, EB: 11mm, EBJ: 7mm, AL: 34mm.

ST/FG/07-5 (Figs.23 e 24)

Anforeta. Gargalo de anforeta, com bordo vertical e lábio ligeiramente afilado. Pasta de textura semi-compacta, de cor rosada L55, com abundantes ENP, destacando-se o mineral feldspato. O gargalo apresenta uma espessura máxima de 13mm. Superfície interna e externa com vestígios de tratamento de impermabilização à base de vidrado verde.
DE: 66mm, EB: 13mm.

WG.PV/02 – 2 (Fig.25)

Anforeta. Fragmento de fundo de anforeta com uma pasta de textura semi-compacta, de tonalidade alaranjada (M39) e veio acinzentado.
Base tendencialmente convexa.
EF: 6mm.

PZ.CC/08-1 (Figs.27 e 28)

Prato? Fragmento de parede de um possível prato de faiança pintada de produção portuguesa, exibindo uma pasta de textura compacta, de tonalidade creme, M70. Decoração a azul-cobalto apenas na superfície interna, constituindo uma composição decorativa com linhas circulares, antevendo o padrão de círculos concêntricos, muito comum na faiança da primeira metade do século XVII.
EP: 5mm.

PZ.FG/08-10 (Figs. 20 e 21)

Asa. Fragmento de asa de um recipiente de cerâmica comum, ostentando as superfícies engobadas de cor rubra e pasta de textura compacta, de cor avermelhada, S19. O exemplar encontra-se fracturado pela superfície externa, inviabilizando demais comentários quanto à sua morfologia.
EP: 10mm.

Gaula e Dusseldorf, 8 de Janeiro de 2009

Bibliografia

AAVV (2004) – *As Ilhas selvagens*, 2.ª edição, s.l., Secretaria Regional do Ambiente e dos Recursos Naturais.

Arquivo Histórico da Madeira (AHM), (1931), Funchal, Vols. I e II, (Transcrição de Luís de Sousa Melo).

ARM - Arquivo Regional da Madeira, Câmara Municipal do Funchal, *Livro de Vereações* , L.º1324, fl.14vº,1626 e L.º1326, fl.9, 1632.

AZEVEDO, Álvaro Rodrigues (1882) – "Madeira", *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, Lisboa, Typografia do Diccionario Universal Portuguez, 1882, pp.712-713.

AZEVEDO, Álvaro Rodrigues (1873) – "Notas", *in* FRUTUOSO, Gaspar, *As Saudades da Terra pelo Doutor Gaspar Frutuoso. História das Ilhas do Porto-Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, Funchal, Typ. Funchalense, pp.313-869.

CAILLEUX, A. (s.d.) - *Note Sur le Code des Coleurs des Sols*. Boubée

CARVALHO, A.M. Galopim; BRANDÃO, José (1991) – *Geologia do Arquipélago da Madeira*, 1.ª Edição, (s.l.), Museu Nacional de História Natural.

FERNANDES, Valentim (1940) – *O Manuscrito "Valentim Fernandes"*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, (leitura e verificação de António Baião).

FRUTUOSO, Gaspar (1968) – *Livro Segundo das Saudades da Terra* (introdução e notas de João Oliveira Rodrigues), Ponta Delgada, Instituto Cultural da Ponta Delgada.

FRUTUOSO, Gaspar (1873) – *As Saudades da Terra pelo Doutor Gaspar Frutuoso. História das Ilhas do Porto-Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, Funchal, Typ. Funchalense.

GOGGIN, John (1960) - *The Spanish Olive Jar. An introductory study*, Sidney and W. Yale, Yale University Publications in Anthropology (papers in Caribbean Anthropology, vol. 62).

GOMES, Diogo (1888-89) – *As relações do Descobrimento da Guiné e das ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde*, Lisboa, (s.n.), tradução de Gabriel Pereira.

HANSEN, Joerg W. (2002) - "Siedlungsspuren auf den Ilhas Selvagens (Portugal) - Teil II", *ALMOGAREN,* XXXIII, Wien / Viena, 2002, pp. 287-302.

HANSEN, Joerg W. (2000) – "Mauerwerk auf Selvagem Grande (Portugal)-Beschreibung und bauliche Würdigung", *ALMOGAREN,* XXXI, Wien / Viena, pp. 207-221.

MARTIN, Colin (1979) – "Spanish Armada pottery", *The International Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration,* Vol. 8, n.º 4, pp.279-302.

MOTA, Avelino Teixeira da (1950) – "Diogo Gomes, Primeiro Grande Explorador do Gâmbia (1456)", *Actas da 2ª Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais*, Lisboa, pp.309-317.

OLIVEIRA, N'Zinga (2010) – "Breve Subsídio para a Carta Arqueológica de Porto Santo", *AMC - Arqueologia Moderna e Contemporânea*, n.º1, CEAM, neste volume.

PEREIRA, Eduardo (1989) – *Ilhas de Zargo*, 4.ª edição, Vols. I, II, Funchal, Câmara Municipal de Funchal.

PUTZER, Dietrich (2006) – *Resultados espectroscópicos de radiação* gama *em fracções ultra finas de sedimentos terrestres, em líquenes (urzelas), Suaeda vera e lapas das Ilhas Selvagens com referência especial à bioacumulação. Isótopos guias investigados: Be-7, Cs-137, K-40, U-235. Recolha das amostras: Outubro 2005,* Relatório Interino apresentado à Direcção do Parque Natural da Madeira, (texto policopiado).

SARMENTO, Alberto Artur (1906) – *As Selvagens*, Funchal, Officinas do "Heraldo da Madeira".

SILVA, Fernando Augusto, p^{e}, MENESES, Carlos Azevedo, (1998) – *Elucidário Madeirense (Fac-símile da edição de 1940-1946)*, Vol. III, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura – DRAC.

SOUSA, Élvio Duarte Martins (2010) – *Ilhas de Arqueologia.* [subtítulo em definição], Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, (texto policopiado).

SOUSA, Élvio Duarte Martins (2007) – *500 Anos de Cerâmica na Madeira. Estudo Tipológico de vinte e cinco peças arqueológicas*, Machico, ARCHAIS.

SOUSA, Élvio Duarte Martins (2006) – *Arqueologia da Cidade de Machico. A Construção do Quotidiano nos Séculos XV, XVI e XXII*, Machico, CEAM – Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea.

STEINER, Hartwig-E. (2005) – "Drei-Kammer-Bau über der "Fonte das Galinhas" auf Selvagem Grande .Ilhas Selvagens.Atlantik", *ALMOGAREN*, XXXVI , Wien / Viena pp:325-347.

STEINER, Hartwig-E. (2005a) - "Keine Siedlungsspuren auf den Kleinen Selvagens. Selvagem Pequena und Ilhéu de Fora", *IC – NACHRICHTEN*, Nr.87, Viena, 2005, pp.59-64.

STEINER, H.-E.; HANSEN, Joerg W. (2000) – "Siedlungsspuren auf den Ilhas Selvagens .Dokumentation archaeologischer Fundstaetten auf Selvagem Grande. Expedition mit dem Forschungsschiff, Corvette, vom 21.-28.Mai 1999", *ALMOGAREN,* XXXI, 2000, Wien / Viena, pp.193-206.

TORRIANI, Leonardo (1999) – *Descrição e História do Reino das Ilhas Canárias antes ditas Afortunadas*, Lisboa, Edições Cosmos, Estudo e tradução de José Manuel Azevedo e Silva.

TORRIANI, Leonardo (1798) - *Descripção e historia das ilhas do mar Atlantico com arbitrios sobre as suas fortificações* [Manuscrito], *de Leonardo Torriano Cremonense copiada fielmente do original, trasladada em vulgar, e ordenadas ou reduzidas a mais conveniente forma suas estampas e castas por Fr. Francisco de Santo Thomaz M. B.*

ULBRICHT, H.-J.(2000) – "Die Ilhas Selvagens (Portugal) im Spiegel der Geschichte", *ALMOGAREN*, XXXI , Wien / Viena, pp. 143-191.